

A LINHA DE DESMONTAGEM NO FRIGORÍFICO DE FRANGO: O trabalho e a saúde dos trabalhadores da Nutriz em Pires de Rio-GO

Fábio de Macedo Tristão Barbosa¹

Resumo

A temática que envolve o desenvolvimento deste artigo é o trabalho e os trabalhadores da agroindústria de aves Friato-Nutriza S.A. localizada na cidade Pires do Rio no Sudeste goiano. Mediante a perspectiva epistêmica que considere a tríade capital-trabalho-saúde, propomos analisar e realizar uma reflexão crítica acerca das condições de trabalho e os riscos à saúde dos trabalhadores da referida empresa. O objetivo é evidenciar as reais condições de trabalho e os riscos a que os trabalhadores estão expostos no ambiente de trabalho, nas linhas de produção deste frigorífico. A Metodologia empregada na pesquisa é o uso de matérias veiculadas na mídia em geral, a análise de documento judicial – Termo de Ajuste de Conduta – por fim, o contato direto com os trabalhadores realizado através de entrevistas e questionários.

Palavras-chave: Geografia, Trabalho, Saúde.

Introdução - A modernização dos métodos de trabalho na indústria fordista

O alvorecer do século XX introduziu mudanças importantes no processo de produção de mercadorias. Sob a égide do capitalismo monopolista, novas formas de organização do trabalho e um aparato técnico moderno são adotados nas fábricas de automóveis do mundo ocidental, prenunciando que a racionalidade científica introduzida no processo produtivo das indústrias automobilísticas, revolucionaria de vez o método e a organização do trabalho dentro da fábrica, e a vida social fora dela.

O modelo de produção e organização do trabalho elaborado por Henri Ford e F. W. Taylor é a expressão mais cabal de que a ciência tornara força produtiva do capital. Segundo o geógrafo britânico David Harvey (2006), em 1914, Henry Ford introduzia o dia de oito horas e cinco dólares aos trabalhadores da linha automática de montagem de automóveis em Michigan-EUA, esta seria a marca simbólica do nascimento de um novo modelo de produção industrial que passou a ser denominado de fordismo-taylorismo.

¹ Professor da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus de Pires do Rio-GO.

E-mail: Fabio.de.macedo@gmail.com

A esteira volante de Ford permitiu que o trabalho chegasse ao trabalhador numa posição fixa na fábrica. A introdução do cronômetro permitiu medir o tempo do trabalho; desde então, o ritmo de execução das tarefas dos trabalhadores passou a ser regulado pela máquina. Foi o “casamento perfeito” para a racionalização do tempo de trabalho, que, conseqüentemente garantiu enormes ganhos de produtividade através da decomposição de cada processo de trabalho em movimentos regulares e da organização de tarefas de trabalho fragmentadas segundo padrões rigorosos de tempo e estudo do movimento². O trabalho vivo é o fermento adicionador de mais valor, por isso mesmo essa força não pode ser desperdiçada, ao contrário.

Essa força deve ser despendida no grau médio habitual de esforço, com grau de intensidade socialmente usual. Sobre isso o capitalista exerce vigilância com o mesmo temor que manifesta que nenhum tempo seja desperdiçado, sem trabalho. Comprou a força de trabalho por prazo determinado. Insiste em ter o que é seu. Não quer ser roubado. (MARX, 2008, p. 313)

Segundo Antunes (2009) era necessário racionalizar as operações realizadas pelos trabalhadores, reduzir o desperdício, reduzindo o tempo e aumentando o ritmo do trabalho, estas foram as maneiras encontradas pelo fordismo-taylorismo de intensificar as formas de exploração, e extração do *mais-valor*. A especialização e fragmentação do trabalho tornaram o trabalhador operário da indústria fordista um repetidor de gestos cansativo e embrutecedor, suprimindo a dimensão criativa e intelectual do trabalho, excelentemente caricaturado por Chaplin em *Tempos Modernos*. O trabalhador tornara-se um apêndice da máquina, cujo ritmo do trabalho era dado pela esteira volante.

A rigidez da linha de produção articulava os diferentes momentos do processo de trabalho, “tecendo vínculos entre as ações individuais das quais a esteira fazia as interligações, dando o ritmo e o tempo necessários para a realização das tarefas”. (ANTUNES, 2007, p. 39). Ao passo que se desarticulava o momento da *elaboração* e da *execução* do trabalho, cabendo à gerência científica o pensar, o conceber, o planejar; e aos trabalhadores do chão de fábrica caberia apenas executar mecanicamente as ações pensadas pela gerência científica. Segundo Braverman (1977, p. 86) esta divisão técnica do trabalho na fábrica moderna entre *planejamento* e *execução*, impunha-se diante da necessidade imperativa de a gerência efetuar “o controle concreto de execução de toda atividade no trabalho”.

² F. W. Taylor, Princípios da Administração Científica.

Portanto, as inovações no/do processo produtivo e os novos métodos de trabalho fordista-taylorista permitiram a produção em massa, homogeneizada, padronizada, a partir de uma estrutura de produção verticalizada. Produção em série com o uso de linhas rígidas e ritmadas pela esteira volante, a organização parcelar do trabalho e a decomposição das tarefas, a separação nítida entre elaboração e execução (trabalho intelectual e trabalho manual) a dimensão intelectual cabendo à gerência científica. Todas estas mudanças que permearam o mundo do trabalho ao longo do século XX tendiam ao barateamento dos preços das mercadorias para a ampliação do mercado de consumo de massa.

Este sistema produtivo iniciado nas indústrias automobilísticas dos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX difundiu-se amplamente para empresas de diferentes ramos industriais do ocidente que adaptaram as suas atividades produtivas às esteiras volantes e à racionalização do tempo de trabalho. Indústrias de bebidas, de alimentos, de calçados, indústrias têxteis, indústria pesada, os frigoríficos, entre outras, intensificaram a produção e aumentaram a produtividade do trabalho com a adoção das linhas de montagem fordista-taylorista.

O *Crash* da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929, e a crise de acumulação dos anos 1930 que a sucedeu, abriu brecha para a implementação da doutrina econômica Keynesiana que se contrapunha às doutrinas liberais ao defender a intervenção do estado na economia a partir da adoção de medidas protecionistas. Desde então, mas, sobretudo no pós-guerra, alinhavado com o fordismo/taylorismo, forjava-se um grande “estado de compromisso” entre estado, capital, e cúpula sindical. Sobre este pacto social entre as forças sociais de produção, Antunes (2009, p.40) salienta que,

[...] junto com o processo de trabalho taylorista/fordista erigiu-se, particularmente durante o pós-guerra, um sistema de “compromisso” e “regulação” que, limitado a uma parcela dos países capitalistas avançados, ofereceu a ilusão de que o sistema do metabolismo social do capital pudesse ser *efetiva, duradoura e definitivamente controlado*, regulado e fundado num compromisso entre capital e trabalho mediado pelo Estado.

O relativo equilíbrio e harmonização de classes – burguesia e proletariado – mediadas pelas cúpulas sindicais e partidos políticos, e arbitrado pelo *Welfare State*, garantiu nos anos subsequentes a segunda grande guerra, um período esplendoroso de prosperidade do capital monopolista, foram mais de duas décadas de lucratividade alheio crises de superprodução ou subconsumo nos países capitalistas avançados. A sustentação deste compromisso

socialdemocrata dava-se ante a intensa exploração do trabalho nos países da periferia do sistema capitalista, que não foram chamados a participar do pacto social.

Mudanças/permanências nos métodos de trabalho industrial na década de 1970

No entanto, no final da década de 1960, o regime de acumulação fordista/keynesiano indicava sinais de “esgotamento”, e no começo dos anos 1970 verificava-se queda nas taxas de lucros, em 1973, a crise do petróleo, e a eclosão das lutas sociais e de classes, “questionando os pilares constitutivos da sociabilidade do capital, particularmente no que concerne ao controle social da produção [...] anunciavam os limites históricos do compromisso fordista”. (ANTUNES, 2009 p. 43). A resposta à crise veio na forma da reestruturação da produção, assentada na revolução técnico-científico-informacional – microeletrônica, telemática, robótica, automação; uma nova forma de organização, gestão e controle da força de trabalho, e reformas no aparelho de estado, o novo paradigma organizacional é o Toyotismo ou acumulação flexível, contrapondo-se à rigidez do fordismo.

As principais características deste novo modelo é o seu padrão produtivo e organizacional altamente tecnológico, resultado da introdução de técnicas de gestão da força de trabalho próprias da fase informacional, bem como da introdução ampliada dos computadores na produção e nos serviços. Outro aspecto fundamental diz respeito à “gestão da força de trabalho: trabalho em equipe, células de produção, times de trabalho, envolvimento participativo (colaboradores), o trabalho polivalente, multifuncional, qualificado” (ANTUNES, 2009).

Busca-se superar uma estrutura produtiva rígida e hierarquizada, por outra mais flexível, recorrendo-se à desconcentração da produção e às empresas terceirizadas. A finalidade de tudo isso é a redução do tempo de trabalho, almeja-se a intensificação das condições de exploração da força de trabalho – aumento da produtividade do trabalho. (extração da mais valia relativa). Desde então, o sinônimo de empresa moderna e poderosa deixou de significar uma corporação com grande número de funcionários, agora é a “empresa enxuta” que consegue produzir mais com menos trabalhadores. A consequência deste processo é a eliminação de postos de trabalho, causa do desemprego estrutural, aumento extraordinário da informalidade, bem como aumento da fragmentação no interior da classe

trabalhadora; precarização e terceirização da força de trabalho; destruição do sindicalismo de classe e sua conversão num sindicalismo dócil; ou de empresa (ANTUNES, 2009).

O trabalho na Nutriza S.A. e os riscos à saúde dos trabalhadores

Neste processo de expansão da modernização fordista-taylorista e/ou toyotista/flexível, ou um híbrido dos dois sistemas como acontece em muitas linhas de montagem de indústrias que adotou um misto dos dois modelos, a modernização da produção e dos métodos de trabalho alcançou os frigoríficos. No entanto, a diferença é que nestas indústrias de carne, ocorre o processo inverso, no lugar da montagem da mercadoria na linha de produção conduzida pela esteira volante fordista, modernizada com a parafernália eletrônico-computacional, assiste-se a desmontagem do animal-mercadoria em partes, em cortes específicos. No caso do frigorífico de frango, são cortes de asa, coxa, sobrecoxa, miúdos, coração, fígado, moela, além de embutidos: salsicha, mortadela, linguiça, por isso consideramos que se trata de linha de desmontagem.

Um processo de trabalho que exige o tempo todo, extrema atenção na execução das tarefas no cotidiano do trabalho, pois, a rapidez na manipulação de instrumentos de trabalho cortantes muito bem afiados coloca cotidianamente em risco de acidente os trabalhadores de frigoríficos, especialmente os de frango. É sabido das constantes e as significativas lesões de cortes muitas vezes profundos nas mãos, dedos, braços, no processamento dos cortes das aves, e também do alto índice de incidência de Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) e Lesões por Esforço Repetitivo (LER). O risco do trabalho nas linhas de desmontagem das indústrias de carne, especialmente de aves está correlacionado, a nosso ver, ao ritmo cada vez mais intenso do trabalho nas linhas de produção, os trabalhadores são submetidos a longas jornadas de trabalho sem intervalos para descanso, fato que coloca em risco a saúde dos trabalhadores. Qual é a realidade concreta destas questões no frigorífico Friato-Nutriza onde trabalha cerca de 2.800 funcionários que manuseia diariamente instrumentos cortantes?

No intuito de responder estas perguntas foi formulado e aplicado um questionário junto aos trabalhadores – que também são estudantes numa universidade da cidade de Pires do Rio, ou seja, trabalham em um turno e estudam noutro turno. Um perfil, mesmo que superficial destes trabalhadores pôde se traçado, trata-se de uma população muito jovem, 75%

possuem entre 20 e 25 anos de idade; e 4,1% estão abaixo dos 20 anos; 12,5% acima de 30 anos; e 8,3% estão entre 26 e 30 anos de idade. Isso se justifica quando observamos de perto o ritmo intenso do trabalho na visita que fizemos ao frigorífico em junho deste ano.

Outro elemento que chamou nossa atenção foi a forte presença do trabalho feminino no chão da fábrica. Dos questionários respondidos, 45,9% são do sexo feminino; e 54,1% masculino; porém, na visita a campo mencionada anteriormente, foi nos informado verbalmente pela funcionária responsável por receber estas visitas, que as mulheres ocupam cerca de 65% do quadro de funcionários da empresa. Em algumas linhas de produção pudemos perceber fortemente a predominância do sexo feminino, como por exemplo, no setor de corte, percebeu-se que há uma divisão sexual do trabalho no interior da fábrica, no setor de depena, a presença masculina é marcante.

Observou-se também, conforme as resposta dos questionários, alta rotatividade do trabalho, apenas 12,5% trabalham na empresa a mais de 5 anos; 37,5% dos respondentes trabalham na empresa por um período de 1 a 3 anos; outros 41,6% estão no frigorífico a menos de 1 ano; e 8,3% possuem tempo de trabalho entre 3 a 5 anos. A jornada de trabalho intensa, os baixos salários, e a pouca oferta de vagas de emprego na cidade, ajudam a explicar a rotação alta do trabalho na Nutriz. Destaca-se também, a estratégia da empresa em buscar força de trabalho em outros estados da federação, tem se destacado a presença razoável do trabalhador migrante nordestinos: piauienses, maranhenses e baianos.

No que concerne aos acidentes de trabalho na fábrica, na síntese das respostas observou-se que 54,1% afirmaram que já enfrentaram alguma situação de risco de acidente de trabalho, outros 45,9% disseram o contrário. Percebe-se que mais da metade dos trabalhadores que responderam o questionário já passaram por algum risco de acidente no interior da fábrica, um percentual bem expressivo. Ao se questionar, quantos trabalhadores efetivamente se acidentaram no espaço fabril, 37,5% disseram já terem sido vítimas de acidentes de trabalho no interior da fábrica; 62,5% responderam que não. Concomitante à pergunta anterior, ao serem indagados se em algum momento já tiveram conhecimento de ocorrência de acidentes de trabalho no frigorífico, 91,6% disseram que sim, sabiam de alguma ocorrência; e 87,5% disseram conhecer algum colega de trabalho vítima de acidente dentro da fábrica.

Conforme os dados obtidos a partir da aplicação do questionário, observou-se que 50% das respostas elegeu o setor de corte como o mais vulnerável aos riscos de

acidentalidade do trabalho. Quando perguntado, se há segurança no manuseio de instrumentos de trabalho neste setor, 45,8% responderam que é seguro; 50% responderam que não é seguro; e outros 4,1% não responderam. Quanto a ocorrência de LER/DORT na empresa, 91,6% responderam que há sim trabalhadores acometidos de Lesão por Esforço Repetitivo e Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho. Quando perguntados se a empresa presta assistência em casos de acidentes de trabalho e doenças ocupacionais, 75% responderam que sim; e 20,8% responderam que não; outros 4,1% disseram que a assistência prestada pela empresa é insuficiente.

A Nutriz Agroindustrial de Alimentos de Pires do Rio, é formada por um amplo complexo agroindustrial, são fábricas de rações para aves, granjas de matrizes, incubatório e unidade de abate de frangos e processamento de industrializados. Atendendo aos mercados do Centro-Oeste, Nordeste, Norte, Sudeste do país e também ao mercado externo de frangos e derivados, o grupo trabalha com as marcas Nutriz (frango congelado e resfriado) e Friato (frango e cortes temperados, cortes e miúdos congelados de frango e industrializados), com ampla gama de produtos.

O processo de produção todo verticalizado na forma de oligopólio. Desde o plantio da soja e do milho até a produção de rações para nutrição das cerca de seis milhões de aves alojadas em mais de 200 galpões de criadores nos municípios de Pires do Rio, Palmelo, Santa Cruz, Orizona, Urutaí e Ipameri. A média diária de abate é de 220 mil aves, com geração de 1.500 empregos diretos e outros 4.500 indiretos em toda região Sudeste³.

Ressaltamos que ainda não tivemos contato direto com os trabalhadores da empresa, o que deve ocorrer em breve. Os contatos tem sido esporádicos em conversas informais. No entanto, despertou-me atenção, o grave acidente ocorrido no dia 25 de novembro de 2013, um vazamento de amônia⁴ na linha de abate de frangos, 23 funcionários foram atingidos e hospitalizados, três deles no Hospital de Queimaduras de Goiânia⁵.

Outra fonte importante a qual tivemos acesso foi o Termo de Ajuste de Conduta de número 20120119 do Ministério Público do Trabalho que data do ano de 2012, portanto, anterior ao acidente de vazamento de gás amônia. Este documento observa que a empresa

³ Disponível em: <http://www.friato.com.br/nutriza.html>. Acesso 12/04/2014

⁴ A amônia é o gás utilizado para resfriamento de câmaras frias para armazenagem e resfriamento de produtos produzido nos frigoríficos. Trata-se de gás tóxico, que se inalado pode levar a morte.

⁵ <http://revistasafra.com.br/apos-acidente-funcionamento-de-frigorifico-em-pires-do-rio-go-e-normalizado>. Acesso: 18 de setembro, 2014.

deveria se adequar aos sistemas de segurança quanto a vazamentos de amônia: *i) Atender, em 10 dias, todas as exigências constantes do relatório de inspeção dos reservatórios de amônia da empresa, firmados no ano de 2011.* Além disso, a empresa deveria, por exigência do Termo de Ajuste de Conduta: *j) Instalar, em 60 dias, sensores de detecção de vazamento de amônia junto a cada um dos evaporadores que dão acesso as salas de cortes e demais ambientes refrigerados da empresa.* O referido termo impunha também que a Nutrizia deveria,

[...] Adquirir em 60 dias e assegurar o fornecimento dos seguintes equipamentos de proteção, disponíveis em local de fácil e rápido acesso aos empregados encarregados de atuar em caso de vazamento: i) máscara panorâmica com filtro de amônia; ii) equipamento de respiração autônomo; iii) óculos de proteção ou protetor facial; iv) luvas protetoras de borracha (PVC); v) botas protetoras de borracha (PVC); vi) capa impermeável de borracha e/ou calças e jaqueta de borracha⁶.

Percebe-se que a empresa não cumpriu, neste caso, o Termo de Ajuste de Conduta acordado com o Ministério Público do Trabalho, tal possível descumprimento pode ter agravado o nível de segurança das tubulações de gás amônia que se rompeu. O acidente atingiu os trabalhadores colocando em risco sua saúde, bem como sua própria vida. Tal fato deixa em dúvida a preocupação da empresa com a segurança no ambiente de trabalho, pondo em risco seus funcionários.

O Termo também trata da concessão de pausas para recuperação de fadiga no ambiente de trabalho da Nutrizia. A alínea *a* do item II está assim descrito,

[...] nos termos do item 17.6.3 da NR 17, em todas as atividades que geram sobrecarga muscular estática e dinâmica dos membros superiores, inferiores, tronco, dorso e pescoço, dentre os quais todas as atividades realizadas nos setores de pendura, escaldagem, evisceração, salas de cortes, embalagem, miúdos, rependura, expedição e paletização, dentre outras. Serão instituídas, no prazo a partir de 31.12.2012, 20min de pausas de recuperação de fadiga, distribuídos em 2 pausas de 10min, computados como de efetivo período de trabalho, para todos os efeitos legais. Serão acrescidas para 3 pausas de 10min, a partir de 30.7.2013. Serão acrescidas para 4 pausas de 10min, a partir de 31.12.2013 e, a partir de 30.7.2014, distribuídas em 5 pausas de 10min. Serão acrescidas para 6 pausas de 10min, a partir de 31.12.2014, totalizando 60min para uma jornada de 8h⁷.

⁶ MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO Coordenadoria Nacional de Defesa do Meio Ambiente do Trabalho Projeto de Atuação Nacional Coordenada – FRIGORÍFICOS Procuradoria Regional do Trabalho da 18ª Região.

⁷ MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO Coordenadoria Nacional de Defesa do Meio Ambiente do Trabalho Projeto de Atuação Nacional Coordenada – FRIGORÍFICOS Procuradoria Regional do Trabalho da 18ª Região.

Este Termo de Ajuste de Conduta do Ministério Público do Trabalho evidencia condições de trabalho dentro do frigorífico que provavelmente causava fadiga, cansaço excessivo provocado por longo tempo ininterrupto de trabalho na mesma posição, repetindo os mesmos gestos. O capital monopolista busca, por meio da intensificação da exploração do trabalho, a extração de valia relativa, extrai-se mais valor sem, contudo alargar a jornada diária de trabalho.

Um estudo realizador em 2009 num frigorífico de aves do sul do país avaliou as condições de trabalho nesta empresa. A amostragem de 951 funcionários de um dos maiores abatedouros de frango do Rio Grande do Sul constatou-se índices elevados de LER/DORT e adoecimento mental. Brum (2009) identificou a relação entre os adoecimentos e afastamentos psiquiátricos ocorridos na empresa com a organização do trabalho. Hutz & Nunes (2001), evidenciou alto índice de ideação suicida nos trabalhadores na cifra de 10,2%.

Em outra pesquisa, em 2006, a Federação dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentação do Rio Grande do Sul propôs uma análise do setor avícola no estado. O resultado foi alarmante,

Os números demonstraram que 80% dos funcionários faz uso sistemático de analgésicos, anti-inflamatórios e antibióticos, e pelo menos 20% faz uso de medicamentos controlados como antidepressivos e tranquilizantes. Aproximadamente 42% menciona cansaço insuportável após o trabalho, metade sente dores no corpo logo após chegar em casa e 67,1% sacode as mãos por formigamento e adormecimento, sintoma e risco às LER/DORT. Além disso, verificou-se precarização, ritmo acelerado e rotatividade como fatores, cujo somatório ocasiona doenças ocupacionais. (WALTER, 2012, p. 42-43).

As pausas deverão ocorrer também na jornada de trabalho de horas extras, a cada 50 minutos de trabalho, 10 minutos de descanso em ambiente adequado, que “assegure conforto térmico, hidratação, satisfação das necessidades fisiológicas e assento adequado⁸”. Esta pesquisa poderá observar também, quando em contato com os trabalhadores, se a empresa tem cumprido o termo de ajuste de conduta quanto ao tempo de descanso e relaxamento; visto que, no caso das tubulações de gás amônia a empresa deixa dúvidas quanto ao cumprimento deste documento legal.

⁸ MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO Coordenadoria Nacional de Defesa do Meio Ambiente do Trabalho Projeto de Atuação Nacional Coordenada – FRIGORÍFICOS Procuradoria Regional do Trabalho da 18ª Região.

Conclusões

A indústria de produção carne de aves no Brasil coloca-se em terceiro lugar no ranking mundial deste produto, ficando atrás apenas de China e Estados Unidos. Os estados do sul do país concentram a maiores empresas do setor e exportam carne de ave para mais de 150 países, entre os mais expressivos estão: União Europeia, Japão, Hong Kong, África do Sul e Rússia, que são grandes importadores de cortes de aves; e o Oriente Médio, grande comprador do frango inteiro. O setor é responsável pelo emprego de aproximadamente 4,5 milhões de postos de trabalho em todo país, direta ou indiretamente. Empresas como Sadia, Perdigão, Seara Alimentos, Doux Frangosul dominam este setor econômico.

No entanto, no que se refere às condições de trabalho e a saúde dos trabalhadores destas indústrias, a primeira percepção que temos, é a de que as condições de trabalho “é em geral repetitivo e monótono, por estar constituído em pressupostos do taylorismo/fordismo”. (WALTER, 2012 p. 44). As características dos métodos e processo de trabalho organizado sob este modelo apresentadas no início deste artigo, é o tem prevalecido na realidade das fábricas de desmontagem de frango.

Ainda segundo Walter (2012, p. 44), “o trabalho é organizado em linhas de produção, as nóreas, sendo o ritmo e a cadência determinada pela hierarquia e permitindo uma margem de autonomia infimamente pequena”. A forma como o trabalho se organiza impõe ao trabalhador adaptar às máquinas e a seu posto, conclui. O ritmo elevado e a repetição dos gestos criam uma espacialidade propícia a apagar toda a criatividade e inventividade do trabalho, cabendo apenas reproduzi-lo mecanicamente no menor tempo possível. Fica claro que a finalidade de invenção da maquinaria moderna e ultramoderna não é aliviar o fardo do trabalho, e sim, elevar produtividade do trabalho, ao mesmo tempo em que cria o desemprego estrutural.

Mesmo que de alguma forma a mecanização do trabalho possa ter aliviado a carga física – mesmo que não seja está sua finalidade – sobrecarrega-se “mãos e braços, bem como nuca, ombros e pescoço. Colocam o trabalhador de forma estática de forma monótona e repetitiva. A repetição de movimentos em tempo exíguo sobrecarrega determinados músculos”. (WALTER, 2012, p. 45). O capital ao exigir produtividade expõe o trabalhador a um conjunto de doenças ocupacionais como LER/DORT.

Pode-se concluir, diante do quadro apresentado ao longo do texto, que a indústria frigorífica de aves no Brasil, e especificamente em Pires do Rio-GO, desmonta o frango e o trabalhador para produzir a mercadoria. Este processo de desmonte gera riscos, e não só risco, mas gera efetivamente acidentes de trabalho muitas vezes graves, cortes nos dedos, mãos e braços. Vazamentos de gás amônia que ocorreu na Nutriza e em outros frigoríficos pelo Brasil a fora põe em risco a saúde e a vida de seus empregados. Os constantes afastamentos do trabalho em consequência de LER/DORTE é parte dessa dura realidade enfrentada cotidianamente por milhares de trabalhadores e trabalhadores ocupados no setor de frigorífico avícola brasileiro.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo, Boitempo, 2009. (Coleção Mundo do Trabalho).

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**: A degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: Uma pesquisa sobre as origens da Mudança Cultural. São Paulo, Loyola, 2006.

HUTZ, C. S. & NUNES, C. H. S. S. (2001). Escala fatorial de ajustamento emocional/neuroticismo. São Paulo: Casa do Psicólogo.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Vol. 1 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Ministério Público do Trabalho, Coordenadoria Nacional de Defesa do Meio Ambiente do Trabalho Projeto de Atuação Nacional Coordenada – FRIGORÍFICOS Procuradoria Regional do Trabalho da 18ª Região.

WALTER, Leonardo Inácio. **A saúde por um fio:** Submissão voluntária de afastados de frigorífico de aves. /Leandro Inácio Walter, Porto Alegre, 2012.

<http://revistasafra.com.br/apos-acidente-funcionamento-de-frigorifico-em-pires-do-rio-go-e-normalizado>. Acesso: 18 de setembro, 2014.

<http://www.friato.com.br/nutriza.html>. Acesso: 12 de abril, 2014.